







**Anna Julia M. Soares Pego** Centro Universitário do Espírito  
Santo, Colatina, ES, Brasil annaajumerloo@gmail.com www.orcid.org/0009-0007-7503-1564**Safira Jennyfer S. Ferreira** Centro Universitário do Espírito  
Santo, Colatina, ES, Brasil sjsunderhus@gmail.com www.orcid.org/0009-0002-2975-2241**Waléria Demoner Rossoni** Universidade Federal do Espírito  
Santo, Colatina, ES, Brasil wademoner@hotmail.com www.orcid.org/0009-0002-8512-5322

## Enquanto há vida, há lembrança: explorando trajetórias, fontes e sujeitos na história oral

### RESUMO

A importância da história oral destaca-se pela sua capacidade de estabelecer percepções individuais no que tange aos eventos passados. Como aporte ilustrativo, parte-se do estudo conduzido como parte do projeto de Iniciação Científica do Centro Universitário do Espírito Santo – UNESCO, intitulado “A história local contada através da singularidade: as memórias culturais e arte na formação do povo colatinense”. A abordagem proposta pelo artigo visa resgatar informações e compreender a constituição dos colaboradores na história oral, considerando seus lugares sociais, relações e reações diante dos eventos narrados. Diante desta conjectura, emerge o questionamento sobre como utilizar a história oral para aproveitar plenamente sua distinta historiografia na narrativa do passado. Quanto ao método, conduziu-se pesquisa exploratória por meio do levantamento bibliográfico, descrevendo as maneiras de tutelar a história oral tanto como abordagem teórico-metodológica. Para alcançar o objetivo geral, analisa-se o avanço da história oral como subcampo da história. Em seguida, o artigo propõe-se a verificar as características distintivas dessa abordagem e, por fim, apresenta as possibilidades de pesquisa que podem ser destacadas nos estudos históricos. Conclui-se, portanto, enfatizando a relevância e o potencial da história oral como utensílio valioso na construção do conhecimento histórico.

**Palavras-chave:** História oral. Colaboradores. Trajetórias. Lembranças.

**As long as there is life, there is memory: exploring  
trajectories, sources, and subjects in oral history.**

### ABSTRACT

The relevance of oral history stands out due to its ability to establish individual perceptions regarding past events. As an illustrative reference, this article draws on a study conducted under the Scientific Initiation Project of the Centro Universitário do Espírito Santo – UNESCO, entitled “Local History Told Through Uniqueness: Cultural Memories and Art in the Formation of the People of Colatina”. The analytical approach proposed in the article aims to gather information and understand how narrators are constituted within oral history, taking into account their social locations, relationships, and reactions to the events they recount. Within this framework, a central question arises: how can oral history be employed to fully harness its distinct historiographical contribution to the construction of past narratives? Methodologically, this is an exploratory study based on a bibliographic review, through

which the procedures for safeguarding oral history as both a theoretical and methodological approach are described. To achieve its general objective, the article analyzes the development of oral history as a subfield within the discipline of history. Subsequently, it seeks to identify the distinctive features of this approach and presents the research possibilities it offers for historical studies. It concludes by emphasizing the importance and potential of oral history as a valuable tool in the construction of historical knowledge.

**Keywords:** Oral history. Narrators. Life trajectories. Memories.

## 1 INTRODUÇÃO

A falta de interesse na história oral é muito considerável, mormente nos estudos organizacionais históricos. A preferência por documentos escritos, arraigada desde a institucionalização da disciplina histórica na Europa no século XIX, reflete a crença de que essas fontes representam a verdade dos eventos passados, superando as limitações da transmissão da oralidade. A ênfase histórica tradicional recai sobre documentos escritos, como a expressão de verdade, relegando a pesquisa histórica à atividade em arquivos e documentos.

O objetivo deste trabalho foi questionar a abordagem anterior, de modo que esta pesquisa enfatiza o fetiche pelo arquivo, por meio da proposta de reconsideração do valor da oralidade do ponto de vista subjetivo na construção do conhecimento histórico, em especial no embrião da formação do povo colatinense.

Logo em seguida, enfatizou-se que a partir da década de 1980, a história oral ganhou importância na pesquisa histórica, coincidindo com o ambiente universitário que valorizava a pesquisa qualitativa, a experiência individual, a ascensão da história cultural, os estudos de memória e a análise da história contemporânea.

Decerto, o reconhecimento de que as fontes documentais também podiam residir na linguagem e na oralidade ampliou as possibilidades do estudo do passado. Nesse contexto, o pesquisador frequentemente se tornava coautor do depoimento coletado. Entrementes, a aceitação do uso de fontes orais foi tardia, e mesmo hodiernamente, muitos historiadores tradicionais permanecem céticos e relutam em discutir abertamente os méritos e as fragilidades da pesquisa oral.

Em terceira via de escape, verificou-se como a prática da história oral expandiu-se para diversas áreas do saber, encontrando aplicação hodierna nas Ciências Sociais, Antropologia, Educação e outras disciplinas das Ciências Humanas. Certamente, o elemento central que une essas aplicações é a condução de entrevistas gravadas com indivíduos que vivenciaram ou testemunharam eventos, contextos, instituições, estilos de vida ou outros aspectos da história.

No ponto de vista metodológico, foi realizada pesquisa exploratória mediante o levantamento de bibliografia, percorrendo sobre as formas de salvaguardar a história oral, tanto como abordagem teórico-metodológica, quanto como subcampo independente dentro da história. A título de exemplo ilustrativo, toma-se como referência a pesquisa de campo realizada no âmbito do projeto de Iniciação Científica do UNESC, intitulado *A história local*

*contada através da singularidade: as memórias culturais e arte na formação do povo colatinense.*

Assim sendo, a intenção desta pesquisa consistiu em suscitar indagações acerca da importância e das potencialidades da história oral como ferramenta valiosa na edificação do conhecimento histórico, com enfoque particular na comunidade de Colatina-ES.

## **2 CONCEITUAÇÕES DE HISTÓRIA ORAL: EXPLORANDO TRAJETÓRIAS, FONTES E SUJEITOS**

Para definir o termo, Bloch (2002, p. 52) contestou a ideia de que “a história é a ciência do passado”, argumentando que o passado não pode ser adequadamente objeto de estudo científico. Ele também rejeitou a expressão “ciência dos homens” como demasiadamente vaga. Em sua renomada abordagem à pergunta “O que é a História?”, Bloch (2002) propôs que é a “ciência dos Homens no transcurso do tempo”. Adicionalmente, destacou que o verdadeiro objeto da história é o homem, enfatizando que os historiadores deveriam concentrar seus esforços na compreensão da trajetória humana ao longo do tempo.

A história oral é como divisão de saberes, sendo que o seu grande objetivo gira em torno da palavra transformação. Nessa perspectiva, utilizando o silogismo construído por Meihy (2006), para que os historiadores possam transformar, eles precisam compreender a história, para conseguirem explicar, e explanando, eles estariam transformando, dado que compreender é modificar. A história oral não é tão somente instrumento para o acesso à informação, ela abrange sentido social do conhecimento, logo, sendo recurso e meio de transformação. Portanto, em todas as etapas de criação e elaboração, ou seja, durante a fase de execução de projeto envolvendo a oralidade, é preciso ter o comprometimento dos historiadores com a transformação, já que sem essa ferramenta, não há a história oral.

O pesquisador contemporâneo, devido à sua capacidade de realizar observações diretas e privilegiadas dos eventos atuais, não desfruta, nesse aspecto, de vantagem significativa em relação ao historiador do passado. Este último, por sua vez, baseia-se em observação indireta da história, vez que nunca testemunhou pessoalmente cada fase dos eventos históricos, dependendo, em vez disso, de relatos transmitidos por diferentes indivíduos ao longo do tempo. Dessa forma, o conhecimento acerca dos eventos passados é inevitavelmente construído por meio de vestígios (Bloch, 2002).

A abordagem da história não deve ser isolada, mas sim adotar perspectiva multidisciplinar, estabelecendo diálogo com outras ciências humanas. Marcando a mudança

paradigmática, Bloch (2002) introduziu o estudo da história rural, propondo método que desloca o foco das personalidades individuais para os processos históricos e a passagem do tempo.

Ao explorar a seção que discute os testemunhos, os quais oferecem ao historiador a possibilidade de reconstruir o passado de maneira mais confiável, Bloch (2002) destacou a suscetibilidade a erros nesse processo, ressaltando a relevância da análise criteriosa desses testemunhos. Pontuou, ainda, que reunir os documentos para a criação de obra histórica é a tarefa mais complicada para o historiador, dado que além das inúmeras buscas e análises de outros materiais, é preciso que haja o que Bloch (2002) denominou de “brilho romanesco”, ou seja, é preciso que o autor esteja determinado e apaixonado por todos os motivos, causas e justificações, no qual foram observadas e avaliadas no decorrer do seu trabalho e estudo.

Nesse contexto, a história oral trata-se de abordagem de pesquisa, seja ela de natureza histórica, antropológica, sociológica, entre outras, que enfatiza a realização de entrevistas com indivíduos que participaram ou testemunharam eventos, contextos e perspectivas de vida. O objetivo é se aproximar do objeto de estudo através da compreensão da sociedade a partir das vivências dos seus membros. Essa metodologia busca estabelecer conexões entre o geral e o particular por meio da análise comparativa de diferentes versões e testemunhos (Alberti, 1989).

O termo abrange variedade de relatos sobre eventos não registrados por outras formas de documentação, ou cuja documentação é incompleta. Coletados por meio de entrevistas em diversas modalidades, esses relatos registram a experiência de indivíduos isolados ou de diversos membros de determinada comunidade (Couto *et al*, 2021). Quando múltiplos narradores estão envolvidos, a história oral busca convergência de relatos sobre evento específico ou período de tempo. Além de capturar a experiência efetiva dos narradores, a abordagem também incorpora tradições, mitos, narrativas fictícias e crenças existentes no grupo (Queiroz, 1988).

A história oral é caracterizada como conjunto sistemático, diversificado e articulado de depoimentos gravados em torno de tema específico (Camargo, 1989) (Queiroz, 1988) argumenta que, ao longo dos séculos, o relato oral tem desempenhado papel fundamental como a principal fonte humana para a preservação e disseminação do conhecimento, sendo essencial para a ciência em geral. Segundo ela, o vocábulo antecedeu tanto o desenho quanto a escrita, sendo esta última cristalização do relato oral. Thompson (2002) também sustenta que a história oral é tão antiga quanto a própria História, sendo a primeira forma de narrativa histórica.

Portanto, diante todo o exposto, não há como negar que a história oral traz segurança e demonstra ser ótima fonte para os historiadores. Nessa perspectiva, Assmann (2011) destacou a importância das recordações como forte aliado para os historiadores na reconstrução e no entendimento sobre o passado, demonstrando que para haver a recordação é preciso que haja certos estabilizadores, sendo que o principal deles, seria a língua.

Com o tempo, as Ciências Sociais passaram a valorizar gradualmente os relatos orais, à medida que se percebia que comportamentos, valores e emoções muitas vezes escapam aos dados estatísticos. Disciplinas como linguística, semiótica e antropologia contribuíram para o reconhecimento de que o discurso do ator social possui lógica própria, estruturando-se como linguagem e possibilitando a compreensão de fenômenos sociais que não podem ser totalmente observados de maneira objetiva e distante pelo pesquisador (Camargo, 1988).

Diante desse contexto, escolheu-se adotar o método da história oral na investigação deste artigo. Essa opção se justifica, mormente, diante da necessidade do olhar novo nas pesquisas envolvendo usuários ou sujeitos. A abordagem da história oral, nas suas diversas manifestações, como histórias de vida, narrativas e trajetórias, exige a aplicação de princípios epistemológicos. Isso implica que o pesquisador deve orientar-se por pressupostos que delineiam a compreensão do uso dos métodos específicos, os quais, por sua vez, determinam a natureza da investigação social (Gonçalves, Lisboa, 2007).

A epistemologia desempenha papel crucial na pesquisa, vez que estabelece as condições de objetividade para os conhecimentos científicos, modos de observação e experimentação. É necessário submeter a prática científica a reflexão sobre a ciência em construção. Essa tarefa, intrinsecamente epistemológica, consiste em identificar, na própria prática científica, constantemente ameaçada pelo erro, as condições que permitem distinguir o verdadeiro do falso, durante a transição de conhecimento menos verídico para outro mais genuíno (Gonçalves, Lisboa, 2007).

A eficácia da história oral como instrumento de pesquisa é plenamente alcançada quando o pesquisador confere caráter científico ao seu estudo. Isso implica na orientação por conhecimento teórico prévio, na inserção da problemática de pesquisa em projeto formulado antecipadamente, na coleta de informações sobre o campo a ser investigado e na definição de instrumentos e técnicas de pesquisa. Ao longo do processo de investigação, a hipótese problematizadora e a fundamentação teórica desempenham o papel de “bússola”, guiando a pesquisa cujo objetivo primordial é a construção do conhecimento por meio do levantamento, interpretação e análise dos dados empíricos (Gonçalves, Lisboa, 2007).

A vigilância epistemológica se manifesta como quebra necessária entre o entendimento comum e a linguagem científica. No contexto da atividade profissional ou ao longo do processo de observação em campo, o pesquisador naturalmente desenvolve conexão com o objeto de estudo. Quando se trata de interação social, os dados frequentemente surgem como representações dinâmicas, únicas e excessivamente humanas. Conforme destacado por Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1987), é imprescindível instaurar ruptura com a realidade, desmontando as totalidades concretas e óbvias que se apresentam à intuição do pesquisador, para, em seguida, substituí-las por conjunto de critérios abstratos que as delineiam sob perspectiva sociológica.

A validade da informação sociológica atribuída à história oral reside na capacidade dos discursos obtidos dos participantes da pesquisa transcenderem as intenções conscientes de expressar sentidos e significados. Concomitantemente, a compreensão dos processos sociais e de seu significado exige que as relações subjacentes sejam discernidas a partir do material empírico, ação consciente por parte do pesquisador. A análise dessas relações é facilitada pelo uso de ferramentas proporcionadas pelos referenciais teóricos e metodológicos que orientam a investigação (Gonçalves, Lisboa, 2007).

Autores como Giddens (1989) têm destacado o declínio dos “imperialismos”, tanto na objetividade quanto na subjetividade. O cerne de sua teoria da estruturação reside na intenção de esclarecer a dualidade entre a ação e a estrutura, e sua interação dialética. Portanto, abordar qualitativamente implica entrelaçar de forma abrangente a dimensão pessoal e subjetiva com a estrutura social. O relato individual sobre a vida, valores e cultura inevitavelmente incorpora elementos subjetivos. Segundo Rolnick (1997), a subjetividade não existe sem cartografia cultural como guia; e inversamente, não há cultura sem determinado modo de subjetivação. Cada sociedade representa forma de moldar o tempo, construindo assim o tempo. É na sociedade que o indivíduo se transforma em sujeito.

A singularidade que permeia a arte da história oral é salientada por Marre (1991), cuja percepção nos conduz a intrincado labirinto de narrativas individuais. Nesse emaranhado de vidas singulares, a síntese abrangente é concebida como tarefa desafiadora, pois busca extrair panorama geral a partir da riqueza única de cada relato. Marre (1991) argumenta de maneira persuasiva que, ao viver e relatar sua trajetória, o indivíduo estabelece identificação profunda com o grupo social do qual é componente essencial.

A complexidade da pesquisa recai sobre o ombro do investigador, que se vê incumbido da árdua tarefa de reconstruir, em cada história de vida, as intrincadas relações fundamentais relacionadas às categorias de sociedade, grupo e indivíduo, todas elas expressas no domínio



da comunicação oral. Essas relações não se limitam apenas à estrutura social e grupal; elas se entrelaçam com a noção abstrata de rearranjo e reapropriação do contexto social. Aqui, o indivíduo emerge como entidade singular, moldando e reinterpretando a teia social em seu relato pessoal (Marre, 1991).

A perspectiva abrangente busca apreender e elucidar a significância que indivíduos e grupos conferem às suas ações, enquanto concretização de intenção. As atividades humanas são sempre a manifestação de consciência, moldadas por valores e impulsionadas por motivações. Segundo Alberti (2004, p. 2), a abordagem hermenêutica implica “valorizar o movimento e colocar-se na perspectiva do outro para entendê-lo, acreditando que coisas, passado, sonhos, textos, por exemplo, têm significado latente ou profundo que é alcançado através da interpretação”. A autora também destaca três termos na fórmula que tornam os objetos das ciências humanas acessíveis: vivência, expressão e compreensão. Isso porque “as criações humanas expressam a vivência, e cabe ao hermeneuta compreender essas expressões de tal maneira que a compreensão seja equivalente a reviver a vivência” (Alberti, 2004, p. 2).

Partindo do princípio do caráter dinâmico e processual da pesquisa e sua interligação com o tema em questão, é imperativo que o pesquisador adote essa perspectiva, vez que toda pesquisa qualitativa busca compreensão histórica. É notório que a realidade social está em constante mutação e, de maneira análoga, a realidade circundante a determinado tema de pesquisa não permanece estática. Alberti (2004) ressalta que o campo da história oral se destaca por sua natureza totalizadora, envolvendo entrevistador e entrevistado de forma consciente na busca pela resignificação e reconstrução do passado.

A epistemologia, considerada como ponto central da pesquisa, desempenha papel crucial ao privilegiar o processo de construção do conhecimento sob duas perspectivas: (i) a lógica da descoberta e (ii) a lógica de validação. A reflexão epistemológica, inicialmente posicionada na hierarquia do trabalho investigativo, precede a definição dos conceitos teóricos e a seleção das técnicas. Essa reflexão é indispensável para a pesquisa, pois no decorrer do processo investigativo, é o polo epistemológico que garante a precisão, a exatidão e o rigor do método científico (Gonçalves, Lisboa, 2007).

A técnica da história oral emprega diversas abordagens de entrevista para amplificar as vozes de indivíduos muitas vezes negligenciados e, por meio da singularidade de suas narrativas, forja e preserva a memória coletiva. Na Europa, especialmente na Alemanha, pesquisadores que se dedicam à história oral adotam as terminologias “biografia” e “trajetória de vida” como métodos fundamentais dessa abordagem (Gonçalves, Lisboa, 2007).



Segundo as pesquisadoras alemãs, Born et al (1996), o conceito de trajetórias de vida é visto como “construto científico”. Esse termo é inicialmente definido pela perspectiva metodológica adotada, permitindo a incorporação de dados quantitativamente analisáveis que estejam diretamente ligados à sequência cronológica da vida dos indivíduos (Dausien, 1996). Na visão desta autora, a trajetória de vida recebe a denominação científica de “transcurso”, pois examina mudanças sociais, transições de status, variações econômicas, atividades profissionais, fazendo uso de datas marcantes, períodos, números, enfim, abordando aspectos quantitativos e qualitativos de maneira integrada. Nessa ótica, a trajetória de vida é concebida como instituição social, sistema de regras que orienta e influencia as relações individuais na era moderna.

Existe relevante analogia que merece destaque entre a memória cultural, que transcende épocas e é preservada em textos normativos, e a memória comunicativa, geralmente conectada a três gerações consecutivas e fundamentada nas lembranças transmitidas oralmente (Assmann, 2011).

Para Thompson (2002), a história oral não possui por viés automático ser instrumento de mudança, tudo depende do espírito com que seja utilizada. Lado outro, a história oral pode ser meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Decerto, pode alterar o rumo da história, revelando novos campos de investigação: pode derrubar barreiras existentes entre professores e alunos, obstáculos entre gerações, dificuldades entre instituições educacionais e o mundo exterior.

## **2.1 A História Oral como subcampo dentro da disciplina histórica**

De acordo com as palavras de Thompson (2002), a história oral é considerada a forma primordial de narrativa histórica, e somente recentemente é que a habilidade de utilizar evidências orais deixou de ser exclusiva dos grandes historiadores. No contexto do proeminente historiador francês do século XIX, Jules Michelet, que lecionou na École Normale, Sorbonne e Collège de France, além de desempenhar o papel de curador-chefe histórico dos Arquivos Nacionais, ao redigir a “História da Revolução Francesa”, ele sustentava a convicção de que os documentos escritos deveriam ser apenas uma das diversas fontes disponíveis.

Segundo as ideias expostas por Portelli (1997), a história oral se faz importante, pois conta para os leitores e historiadores não apenas o que o povo realizou, mas como também o que queria realizar, o que eles acreditavam estar fazendo. Ainda em sua perspectiva, ele evidencia que as fontes orais podem até não acrescentar e complementar o que se sabe, como

exemplo, o custo material de greve para os trabalhadores envolvidos, mas para Portelli (1997), as fontes orais vão muito além, traz aspectos importantes e significativos, elas evidenciam os custos psicológicos, algo íntimo que não é passado através de outras fontes, por exemplo, as escritas.

Em primeiro momento, a história oral moderna tem suas raízes nos anos 1920, originando-se do estudo de imigrantes poloneses pelos sociólogos William Thomas e Florian Znaniecki, consolidando o método de histórias de vida na Escola de Chicago. Contudo, sua influência inicial na disciplina histórica foi limitada, permanecendo subjugada à primazia dos documentos. A geração subsequente de historiadores orais, surgida nos anos 1940 com o projeto de Allan Nevis, estava inicialmente vinculada às ciências políticas, buscando documentar o pensamento das elites para histórias futuras (Ferreira, 2002).

A virada na história oral ocorreu nos finais dos anos 1960, onde ela se transformou em ato político, dando voz às minorias, operários e mulheres, desafiando narrativas elitistas e hegemônicas. Embora tenha sido criticada por igualar os relatos a suposta verdade, essa abordagem pioneira trouxe mudança significativa, ampliando a visão “de baixo” e tornando a história do tempo presente única em sua capacidade de contestar narrativas dominantes (Costa, Hodge, 2021).

Na época, a história oral militante foi criticada por simplificar os relatos obtidos como verdade inquestionável, ignorando sua moldagem pelos discursos públicos dominantes. No entanto, essa abordagem foi crucial para aprofundar a visão “de baixo” e trazer a memória como fonte para a história do povo. A história oral, inicialmente associada às elites políticas no Brasil, ganhou popularidade durante a redemocratização e se desenvolveu principalmente dentro das universidades (Fico, 2012).

A legitimidade da história oral foi desafiada devido às críticas sobre a subjetividade da memória. Mudanças nas correntes pós-positivistas, como pós-modernismo e pós-estruturalismo, contribuíram para a aceitação da história oral ao questionar a objetividade do pesquisador e enfatizar a interpretação sobre a busca pela verdade. Mudanças sociais, como o boom da memória na cultura popular e os movimentos de identidade, também impulsionaram a história oral (Tosh, 2011).

As viradas cultural, linguística e narrativa na história influenciaram a abordagem da história oral, destacando a importância da interpretação cultural, linguagem e discurso. A ênfase mudou de buscar a verdade histórica para interpretar cultura, simbolismo e identidade. A virada biográfica legitimou métodos biográficos, conectando o individual ao social (Costa, Wanderley, 2021).

Nos anos 2000, a história oral foi reconhecida como método, subcampo e recurso em diversas disciplinas. Duas abordagens predominantes incluem visão realista, considerando as fontes orais como complementos às escritas, e outra abordagem antropológica e interpretativa, destacando a relação entre memória e história. A história oral é reconhecida por sua ênfase na relação entre fenômenos micro e macro, analisando experiências pessoais em contextos históricos mais amplos (Godoy, 2018).

Thompson (2002, p. 98) explica com clareza que:

Em suma, a história oral cresceu onde subsistia uma tradição de trabalho de campo dentro da própria história, como com a história política, a história operária, ou a história local ou onde os historiadores têm entrado em contato com outras disciplinas de trabalho de campo, como sociologia, antropologia ou pesquisa sobre dialetos e folclores.

Conforme discutido por Thompson (2002), a distribuição geográfica da prática da história oral não apenas reflete as preferências acadêmicas, mas também está intrinsecamente ligada à disponibilidade de recursos financeiros para condução de pesquisas de campo. Esse fenômeno é evidenciado pela marcada concentração da história oral na América do Norte e no Noroeste da Europa. É importante notar que a alocação de fundos governamentais desempenha papel essencial nesse cenário. Esse apoio governamental se estende não apenas à coleta de folclore, mas também abrange iniciativas vinculadas a programas de combate ao desemprego, arquivos de rádio e conselhos de pesquisa em ciências sociais.

Nos Estados Unidos, por exemplo, embora houvesse projetos governamentais relevantes, estes tendem a se concentrar primariamente nas Forças Armadas e nas experiências relacionadas a eventos de guerra. Essa ênfase específica sugere direção focalizada nos aspectos históricos ligados a conflitos e estratégias militares, destacando como o financiamento governamental pode moldar e orientar os temas abordados na prática da história oral (Thompson, 2002).

### **3 SUBJETIVIDADE E RECORDAÇÃO: OS INDIVÍDUOS COMO ORIGEM DA INVESTIGAÇÃO**

Segundo Bloch (2002), os grandes pivôs para que a história possa chegar para as futuras gerações, são as lembranças vividas pelos antepassados. Isto é, os documentos, os escritos, os arquivos e repertórios surgem por meio das declarações e manifestações humanas, ou seja, através das experiências vividas pelos indivíduos. Conforme argumentou Assmann (2011), quando se trata de momentos e referências sobre algo em que se viveu, cada indivíduo terá

seu próprio ponto de vista sobre algum fato e realidade de algo, em outras palavras, os contos e histórias, são dotadas de achados e visões únicas. Logo, as recordações dos acontecimentos e as apresentações de informações e conhecimentos sobre fatos passados, só ocorrem pelo fato de que as lembranças e as memórias são passadas no decurso do tempo pelas gerações de forma única e preciosa.

No que toca à história local, não emerge autonomamente, mas, à semelhança de qualquer outro empreendimento histórico, sua construção está intrinsecamente ligada à natureza das evidências e à maneira como são interpretadas. O valor dos relatos depende não apenas do que o historiador extrai deles, mas também do que ele introduz, da precisão das perguntas feitas e do contexto mais amplo de conhecimento e compreensão do qual tais questionamentos se originam (Fonseca, 2006).

As entrevistas como formas capazes de fazer com que os estudos de história local escapem das falhas dos documentos, uma vez que a fonte oral é capaz de ampliar a compreensão do contexto, de revelar os silêncios e as omissões da documentação escrita, de produzir outras evidências, captar, registrar e preservar a memória viva. A incorporação das fontes orais possibilita despertar a curiosidade do aluno e do professor, acrescentar perspectivas diferentes, trazer à tona o “pulso da vida cotidiana, registrar os tremores mais raros dos eventos, acompanhar o ciclo das estações e mapear as rotinas semanais (Samuel, 1989, p. 233).

Conforme ensinou Cícero (1989, p. 395-396 *apud* Assmann, 2011, p. 317), “[...] grande é a força da memória que reside no interior dos locais”. Nesse sentido, cabe analisar que as localidades são de grande importância para a memória, vez que atuam como peças de construção da história de determinada pessoa que viveu em determinado lugar. Os locais são experiências afetivas, que trazem para os indivíduos suas lembranças de admiração, carinho e estima, bem como incluem o campo das recordações, no qual abrange aos momentos importantes vivenciados por eles em certas épocas. Portanto, diante o exposto, é possível notar que com as experiências, conteúdos e impressões captadas e provadas em cenários e locais tornam-se grande aliado da história oral, dado que, a memória reside nos locais, porém ela é verbalizada através de seus indivíduos que ali viveram.

E nesse entendimento da função crucial da história oral para projeto de Iniciação Científica e das verdades que ficam gravadas na memória das pessoas mais velhas sobre a história local, como destaca Samuel (1989), o presente artigo foi trabalhado. A abordagem da história local, embora limitada no contexto do trabalho escolar com fontes orais, serve como ponto de partida para despertar o interesse em questões mais amplas. É crucial destacar a importância de situar o local em contexto global, possibilitando a análise de relações mais

abrangentes. Essa abordagem oferece oportunidades de aprendizado ao combinar a atração pelo concreto e próximo com a exploração do distante e diverso (Schwarzstein, 2001).

A ideia de memória, segundo Benjamin (1994), está atrelada às experiências vivenciadas, envolvendo a construção narrativa por parte do historiador em relação a tempo distinto, que não se caracteriza por ser contínuo, vazio ou homogêneo. O tempo da reminiscência é versátil, buscando proporcionar a salvação aos sujeitos que recordam, em vez de redenção. Isso ressalta a relevância da preservação, como destacado por Chagas (2002, p. 141).

Para a produção da pesquisa em âmbito do projeto de Iniciação Científica do UNESC, a história oral emerge como abordagem metodológica que propicia a interseção de fontes, a fusão de perspectivas e a amalgamação de olhares. No entanto, esse processo está intrinsecamente envolvido na troca de percepções entre dois atores distintos: o pesquisador com suas intenções de investigação, e o indivíduo que compartilha suas lembranças, enriquecendo a narrativa com as diversas facetas da memória (Esquinsani, 2012).

Nesse contexto, Halbwachs (2004, p. 75-76) ensina com maestria sobre a lembrança para a construção do passado: “A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”.

Nesse ponto, surge paradoxo entre o tangível e o intangível. O pesquisador, alguém que não experimentou diretamente a história (episódio, evento, entre outros), busca conferir-lhe valor palpável no âmbito acadêmico por meio dos mecanismos da pesquisa científica. Para tanto, ele se utiliza de narradores que vivenciaram os fatos, os quais se tornam, no contexto da pesquisa, os próprios sujeitos de investigação. Contudo, diferentemente do pesquisador, esses narradores mergulham em suas próprias sombras ao recordar elementos que são, do ponto de vista pessoal, efêmeros e inapreensíveis (Halbwachs, 2004).

A integração da história oral desvela cenário onde coexistem duas subjetividades distintas: (i) a do meticuloso pesquisador e (ii) a do eloquente narrador. Essas subjetividades se entrelaçam em dois olhares sobre a mesma trama histórica ou evento narrado. Esta última é tapeçaria rica em matizes, entrelaçamentos e emoções, que se entrecruza e se entrelaça, já intrincada pelas interpretações pessoais que cada indivíduo confere aos fatos (Esquinsani, 2012), conforme se delineará no próximo capítulo.

#### **4 A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA ORAL PARA A FORMAÇÃO DOS POVOS, EM ESPECIAL, PARA A POPULAÇÃO COLATINENSE**

A história oral carrega um misto de sentimentos próprios que não é possível captar por meio da fonte escrita. Com a narrativa oral, o historiador consegue difundir entre seus ouvintes as experiências passadas de uma perspectiva de forma mais vívida e clara, dessa forma, a população que possui acesso a estas informações experimenta a história através de emoções recheadas de sensações que envolvem amor, saudade, apego e superação.

Nessa perspectiva, é notável a importância da memória como uma fonte vital tanto na fonte oral, como também para a formação de uma população. Conforme ensina Montenegro (2010), o sujeito, ao narrar, preserva conscientemente seu lugar social, seguindo os rituais da narrativa. A construção da memória não ocorre em determinado vazio de sentido, mas em quadro de referências complexo, onde a trilha do relato percorre labirinto de muitas voltas, aproximando e distanciando passado e presente, em delicado campo minado de palavras. Portanto, através das diversas referências e a busca de se entender e compreender o passado, surgem as associações e vínculos de pertencimento de um povo. As memórias transmitidas pelas gerações se vinculam à identidade social de uma população, auxiliando na formação e na concretização de uma sociedade unida e vinculada a suas próprias narrativas e acontecimentos.

Em uma mesma análise, o crescimento e o desenvolvimento de Colatina possuem um grande condão ao aspecto da memória, uma vez que é através dela que se transmitiram as tradições, os valores, os quereres e os acontecimentos passados. Para que a expansão e a formação de Colatina tomassem rumo, muitas ideias e sonhos foram passados através da oralidade para os indivíduos, já que uma ideia não nasce pronta.

A construção da estrada de ferro e da ponte sobre o Rio Doce, carrega inúmeras referências aos esforços e a identidade da população colatinense, já que com essas criações o município obteve estrategicamente um desenvolvimento extraordinário, dado que a estrada de ferro proporciona uma comunicação direta com a capital do estado, bem como a ponte Florentino Ávidos, permitiu a expansão geográfica da cidade. Portanto, como afirma Portelli (1997), é através da história oral que a população pode conhecer e entender os fatos passados, visto que é através da oralidade, que os ouvintes e espectadores vivenciam e experimentam a realização dos povos passados.

As lembranças e as memórias dos antepassados permitem que erros não sejam cometidos, que pensamentos, ideias e sonhos não sejam esquecidos. Colatina possui vários

aspectos relevantes na sua formação e com ela a ajuda incansável dos colatinenses, que mostraram para suas gerações como a resiliência pode criar um potencial para comunidades que se empenham e acreditam podem construir um futuro próspero.

A ferramenta da história oral, para a formação da população colatinense, permite que seus indivíduos desfrutem de esforços, dedicação, persistência, saudade e recordações. Nessa esfera, os elementos da oralidade, como a memória, permitem o fortalecimento dos sentimentos de pertencimento, orgulho e valorização do passado, sendo essencial para a construção de uma população unida e conhecedora de suas raízes e trajetórias.

## 5 CONCLUSÃO

Em nenhum momento, o propósito deste texto tinha por finalidade o viés epistemológico sobre a história oral, nem em seus elementos metodológicos, vez que já existem obras consagradas que abordam tais aspectos. Em vez disso, o texto buscou apresentar argumentos e reflexões sobre a condição do indivíduo que decide compartilhar sua memória por intermédio da narrativa, especialmente em contextos da pesquisa educacional (como o projeto de Iniciação Científica do UNESCO), notadamente na história do município de Colatina-ES.

O escopo não é recuperar os eventos iniciais da pesquisa ou suas ramificações, mas sim explorar as características das pesquisas com fontes orais. Estas, como sugere o título do artigo, estão intrinsecamente ligadas a trajetórias e originam-se de colaboradores que, ao ocupar essa posição, se tornam fontes de pesquisa. Eles assumem conscientemente sua funcionalidade, não apenas na narrativa, mas também nos eventos narrados.

A utilização da história oral para resgatar os eventos permitiu infundir vida crucial na narrativa, buscando demonstrar como determinado episódio impactante é capaz de manter viva a memória e a lembrança, tornando-a robusta e fundamentada pela revisitação dos fatos para fins de pesquisa.

Decerto, enquanto há vida, há lembrança. Esta se molda em estrutura composta por diversos materiais, como sentimentos, sentidos, contextos sociais, projeções e esquecimentos. Tentar aprisionar a memória em único momento através de representação estática da escrita contradiz o princípio modificável da vida. As lembranças são tão fluidas quanto os significados que assumem ao serem contados, e apreendê-las é sempre tarefa referencial, dependendo do momento e das condições em que a narrativa se desdobra.



A reconstrução da memória também implica em revitalizar caricaturas, contradições e conflitos presentes nas diversas exegeses individuais dos colaboradores. Mesmo o relato histórico utilizado para compor este texto não perdeu sua natureza de apreensão íntima e social, sendo representação da classe ou grupo ao qual cada sujeito se identifica ou identificava.

## REFERÊNCIAS

- Alberti, Verena. *História Oral: A Experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- Alberti, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.
- Assmann, Aleida. *Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultura*. Campinas, Unicamp, 2011.
- Benjamin, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- Bloch, Marc. *Apologia da história ou ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- BORN, Cláudia, KRÜGER, Helga, LORENZ-MEYER, Dagmar. *Der unentdeckte Wandel: annäherung na das Verhältnis von Struktur und Norm im weiblichen Lebenslauf*. Berlin: Sigma, 1996.
- Bourdieu, Pierre; Chamboredon, Jean-Claude; Passeron, Jean-Claude. *El oficio de sociólogo: presupuestos epistemológicos*. México: Siglo Veintiuno, 1987.
- Camargo, Célia. Apresentação. In: Alberti, Verena. *História Oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV, 1989, p. 21-44.
- Chagas, Mário. A vida social e política dos objetos de um museu. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 34, p. 195-2019, 2002.
- Costa, Alessandra de Sá Mello da; Hodge, Patrícia Auyumi. História Oral e pesquisa organizacional: desafios da construção de conhecimento sobre o passado. *Organizações & Sociedade*, Salvador, v. 28, n. 99, p. 722–756, outubro-dezembro 2021.
- COSTA, Alessandra de Sá Mello; WANDERLEY, Sérgio Eduardo de Pinho Velho. Passado, presente e futuro de história (crítica) das organizações no Brasil. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 61, n. 1, p. 01-08, jan-fev 2021.
- Couto, Cristiane Beatriz Dahmer; Cunha, Márcia Borin da; Malacarne, Vilmar. História oral: análise do uso do método em periódicos em educação no período de 2016 a 2020. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v.7, n.5, p. 45176-4519, maio 2021.

Dausien, Bettina. *Biographie und geschlecht: zur biographischen konstruktion sozialer wirklichkeit in frauenlebensgeschichten*. Bremen: Donat, 1996.

Esquinsani, Rosimar Serena Siqueira. Entre percursos, fontes e sujeitos: pesquisa em educação e uso da história oral. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 217-228, 2012.

Ferreira, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 314-332, dezembro 2002.

Fico, Carlos. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis: o caso brasileiro. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 28, n. 47, p. 45-59, janeiro-junho 2012.

Fonseca, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. *História Oral*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 125-141, janeiro-junho 2006.

Giddens, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Godoy, Arilda Schmidt. Reflexão a Respeito das Contribuições e dos Limites da História de Vida na Pesquisa em Administração. *Administração: ensino e pesquisa*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 161-175, 2018.

Gonçalves, Rita de Cássia; Lisboa, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 10, n. esp. p. 83-92, 2007.

Halbwachs, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

Marre, Jacques Léon. História de vida e método biográfico. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, UFRGS, v. 3, n. 3, p. 89-141, 1991.

Meihy, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos Da História Oral: o caso brasileiro. *Revista de História*, São Paulo, n. 155, p. 191-203, 2006.

Montenegro, Antônio. *História, metodologia, memória*. São Paulo: Contexto, 2010.

Portelli, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, v. 14, p. 25-39, 1997.

Queiroz, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. Coleção Textos 4. São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1988.

Rolnik, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade. Fronteiras com a ética e a cultura. In: Lins, D. (Org.). *Cultura e subjetividade*. Saberes nômades. São Paulo: Papirus, 1997. p. 25-34.

Samuel, Raphael. História local e história oral. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH, v. 9, n. 19, p. 219-242, 1989.

Schwarzstein, Dora. *Uma introducción al uso de la historia oral en el aula*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2001.

Thompson, Paul. *A voz do passado: história oral*. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Tosh, John. *A busca da história: objetivos, métodos e as tendências no estudo da história moderna*. Petrópolis: Vozes, 2011.

## *Informações Adicionais*

<b>Biografia profissional</b>	<p>Waléria Demoner Rossoni é doutoranda em História, área de Concentração em História Social das Relações Políticas, da Universidade Federal do Espírito Santo (curso iniciado em 2024). Mestra em Segurança Pública pela Universidade Vila Velha (2015-2016). Especialista em Filosofia e Teoria do Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2014-2015). Especialista em Direito Penal e Processual Penal pelo Centro Universitário do Espírito Santo (2013-2014). Graduada em Direito pelo Centro Universitário do Espírito Santo (2009-2013). Graduada em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (2021-2025). Professora do Centro Universitário do Espírito Santo desde fevereiro de 2016, onde leciona as disciplinas de Legislação Trabalhista; Direito Processual Trabalhista; Processo Coletivo e Interesses Difusos; Direito da Seguridade Social e Prática Jurídica Simulada II (Trabalhista). É avaliadora ad hoc do UNESC em Revista (ISSN 2527-0168) desde o ano de 2018. Advogada militante no Estado do Espírito Santo desde março de 2014, com ênfase em Direito do Trabalho e Direito Civil.</p> <p>Safira Jennyfer Sunderhus Ferreira é bancária concursada no BANESTES e ex-estagiária jurídica no Ministério Público do Espírito Santo. Foi Jovem Embaixadora nos EUA e líder pela Embaixada Americana, atuando em projetos sociais e educacionais. É chefe de edição no Jornal Tribuna Cidades, com experiência em jornalismo, design e comunicação. Possui artigo científico publicado e atua nas áreas de Direito, Administração Pública, Relações Internacionais, educação e impacto social. Poliglota autodidata, já recebeu diversos prêmios, como destaque acadêmico e reconhecimento internacional pela liderança jovem.</p> <p>Anna Julya Merlo Soares Pego é pesquisadora acadêmica com artigo científico publicado. Atuou como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica e Tecnológica (PIBICT), vinculado ao Programa de Iniciação Científica e Tecnológica (PICT/UNESC), desenvolvendo o projeto intitulado “A história local contada através da singularidade: as memórias culturais e a arte na formação do povo colatinense”. Atualmente, exerce a função de estagiária no Tribunal de Justiça do Estado do Espírito Santo, onde vem aprofundando sua experiência prática na área jurídica.</p>
<b>Endereço para correspondência</b>	Av. Fioravante Rossi, 2930 - Martineli, Colatina - ES, 29703-858 UNESC - Centro Universitário do Espírito Santo - Câmpus Colatina
<b>Contribuição de autoria</b>	<p>Conceituação: Ana Julya M. Soares Pego, Safira Jennyfer S. Ferreira e Waléria Demoner Rossoni confeccionaram em conjunto na conceituação do tema central do artigo, na elaboração do problema de pesquisa e no delineamento dos objetivos e da abordagem, com fundamento em referenciais críticos e interseccionais.</p> <p>Curadoria de dados: Ana Julya M. Soares Pego e Safira Jennyfer S. Ferreira tiveram a tarefa da coleta, organização e sistematização dos dados, fontes e documentais utilizados. A Professora Waléria Demoner Rossoni supervisionou a etapa, orientando os critérios e validando o material.</p> <p>Escrita – Primeira Redação: elaboraram a primeira versão do artigo, com</p>

	<p>ênfoque na fundamentação teórica, descrição da metodologia e análise dos dados. A Professora Waléria Demoner Rossoni contribuiu na confecção de trechos fundamentais do texto.</p> <p>Escrita – Revisão e Edição: A revisão textual e técnico-científica do texto foi conduzida pela Professora Waléria Demoner Rossoni, que promoveu adequações de linguagem, coesão de argumentos e adequação às normas da publicação. As autoras Ana Julya e Safira empreenderam esforços na incorporação das sugestões e ajustes editoriais.</p> <p>Investigação: A pesquisa bibliográfica e a exegese das fontes foram desenvolvidas por Ana Julya M. Soares Pego e Safira Jennyfer S. Ferreira, com orientações e contribuições críticas da Professora Waléria Demoner Rossoni ao longo da finalização do texto.</p>
<b>Conflito de interesse</b>	Nenhum conflito de interesse foi declarado.
<b>Preprint</b>	O artigo não é um preprint.
<b>Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais</b>	Os conteúdos subjacentes ao artigo estão nele contidos.
<b>Método de avaliação</b>	Revisão por pares anônima dupla (Double anonymous peer review).
<b>Direitos autorais</b>	Copyright © 2025, Pego, Anna Julya Merlo Soare; Ferreira, Safira Jennyfer Sunderhus; Rossoni, Waléria Demoner
<b>Licença</b>	Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (Licença CC BY).
<b>Histórico editorial</b>	<p><i>Data de Submissão:</i> 29/07/2024</p> <p><i>Data de aprovação:</i> 28/04/2025</p>